

Arquivo pessoal/Paulo Pereira



Participantes do GSA percorrem o Paquetá, bairro da região central de Santos, onde atuaram por 15 dias

Arquivo pessoal/Paulo Pereira



Encontro de Projetos no Paquetá: moradores definiram, com os participantes do projeto, quais sonhos coletivos seriam realizados no mutirão

Arquivo pessoal/Paulo Pereira



Encontro da Re-volução no Paquetá, última etapa da metodologia Elos: moradores e participantes avaliam os próximos passos para o território

Arquivo pessoal/Isabela Maria



Sofia e voluntários da Florescer durante ação na Organização W6, em São Sebastião: projeto reúne cerca de 600 membros

Divulgação/ Wesley Lima - Sebrae DF



Sofia Petrini Moral: "Eu procuro ouvir o que eles querem"

autoritário de Sheikh Hasina em 2024, tornou-se a pessoa mais próxima de Sofia na imersão. As duas se falam dia sim, dia não. Aysha vai cursar mestrado em Paris e quer que a amiga brasileira a visite.

A mala de volta

Sofia voltou ao DF no início de agosto. A casa quieta. A rotina, larga demais. "Eu converso com as pessoas, e elas não viveram o que eu vivi. Quero falar sobre coisas que, às vezes, a galera não entende." Faz uma pausa. "Sofia de antes, Sofia de depois — é brega, mas é transformador."

Na mala de volta, no lugar que o pandeiro ocupava, veio um manual com sete passos — olhar, afeto, sonho, cuidado, milagre, celebração, revolução. É o Jogo Oásis, ferramenta do Instituto Elos que condensa a metodologia em quatro finais de semana. Reconhecido como tecnologia social pela Fundação Banco do Brasil, foi aplicado

em mais de 200 comunidades desde 2003 — quando foi jogado pela primeira vez no mesmo bairro do Paquetá, onde Sofia atuou 23 anos depois.

A Florescer

Sofia não chegou a Santos sem bagagem. Nascida em Piracicaba, no interior de São Paulo, veio criança para Brasília. Em 2023, aos 17 anos, no 3º ano do ensino médio, participou da Missão Solidária Marista, ação do Colégio Marista Asa Sul, de Brasília, realizada em Itaquera, na zona leste de São Paulo. Voltou decidida a agir. Ao lado do namorado, Cauã Vilela, estudante de administração na UnB, criou a Florescer. Não tinha estatuto nem plano. Tinha vontade.

A primeira ação foi pintar a sede da Casa de Paternidade, na Estrutural. Depois, vieram creches na região, um centro comunitário em Ceilândia e um abrigo em Ponte Alta Norte. Hoje, a Flores-

cer atua no Projeto Farol, em São Sebastião, e na Casa de Paternidade, na Estrutural. Reúne cerca de 600 membros, promove o acesso ao lazer e à cultura para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e faz revitalização de praças. Completa três anos em 26 de agosto, ainda sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) — as doações entram via Pix em nome de Sofia.

Em 2025, reencontrou, sem planejar, crianças que haviam participado de uma ação da Florescer em São Sebastião. Fazia um ano e meio desde o último encontro, mas elas vieram correndo: "Tia, eu lembro de você no Natal! Obrigada pelo caderno." O caderno custava pouco. As crianças lembraram.

O que muda, agora, é a forma de chegar. Sofia está organizando um encontro para apresentar o que aprendeu à equipe da Florescer e às líderes comunitárias com quem trabalha — as responsáveis pelas creches. Quer redefinir os

próximos passos com elas, não para elas. "A gente se envolve com as crianças, mas e as famílias? E os moradores, os empreendedores? Eu procuro ouvir o que eles querem", diz. "A Florescer vai passar por uma remodelação." Os primeiros territórios em vista para o Jogo Oásis são São Sebastião, Estrutural e Ceilândia. Cauã, que ficou em Brasília durante a imersão, quer participar.

Entre aulas todas as manhãs, fins de semana dedicados à Florescer e um projeto de pesquisa germinando na UnB, Sofia reconhece que acumula demais. Mas recusa a queixa. "Eu moro num lugar legal, minha família é boa. Tem gente que passa por muito pior, e está sorrindo e lutando. Eu me guio por essas pessoas."

Sobre a filha, a mãe resume: "Ela sempre teve um coração maior do que cabia nela."

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**